

A ALEGRIA NÃO CABE NO AMOR PLATÔNICO

JOY DOES NOT FIT THE PLATONIC LOVE

Margaret Maria Chillemi*

Recebido em: mar. 2011

Aprovado em: mar. 2011

* Psicóloga. Terapeuta. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS). Doutora em Psicologia Clínica (PUC/SP). Endereço: Alameda Olga, 422 - Cjto. 92. Barra Funda. 01155-049. São Paulo, SP. E-mail: clinicamar@yahoo.com.br

Há dias em que, do amor mesmo, nada posso dizer. Nem uma palavra pronuncio. Há momentos em que é assim, porque se dissesse qualquer coisa, todo o amor se quebraria. Ele evaporaria no ar e me deixaria com a sensação de que foi só uma ilusão. Prefiro, então, ficar quieta, de maneira que eu sei que ele está em mim e que eu estou nele. Acompanhamo-nos e somos um para o outro - posso estar lavando louça, olhando nos olhos de um desconhecido que passa por mim na rua, mergulhada na minha própria vulnerabilidade silenciosa e na de alguém que amo. Não, o amor e eu não nos falamos, apenas nos tocamos. Estamos tão perto um do outro que chega até ser perigoso. O vento traz o perfume adocicado das flores de um jardim, um jardim erguido na beira de um precipício. A força da existência do amor se insinua em sensações. Sustentamo-nos nessa invisibilidade indizível, acolhendo-nos com as nossas próprias mãos. Nesses instantes sinto-me andando por uma linha fina e frágil, entre a coragem e o medo, a força e a delicadeza. São dias em que deixo a folha em branco, cheia de silêncio de amor.

Há outros dias em que nada do amor posso dizer, mas sou possuída por uma ânsia escrevente e as palavras me escapam. São dias em que me vejo obrigada a conviver com as palavras em rebeldia. Às vezes, e confesso que isso ocorre com muita frequência, as palavras já começam a gargalhar ao sentir a minha pretensão de me aproximar do amor escrevendo. Isso acontece independente de ser um dia triste ou um dia alegre, de ter me levantado antes do nascer do sol ou de me debruçar sobre uma folha em branco no meio da noite. Suspeito que as palavras, quando pressentem o desejo, com e como o desejo elas andam. Não falo de palavras que andam em linha reta, mas ziguezagueando. E o fazem não para confundir o escrevente, mas porque só no rastro daquilo que escapa, do fugidio, do que não se apreende, vive o desejo. O desejo como *vontade de viver*, rir, enfim, o desejo como vontade de alguma coisa e não como

carência. O desejo como potência revolucionária: “(...) porque quer sempre mais conexões e agenciamentos”¹. (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 94) Nesses momentos sinto que as minhas vivências amorosas e as daqueles com quem de alguma forma convivo e a quem acompanho - nas minhas relações pessoais e na clínica -, revelam, como diz António Coimbra de Matos (2010), uma espécie de reciprocidade de desejos, uma receptividade e uma doação de afetos, intenções e atos. Para esse psicanalista é na relação recíproca que podemos *ser juntos*² (*être avec*, na tradução francesa), diferente da idéia de *estar com*. Nas relações recíprocas onde não se trata de dar e receber em medidas idênticas pode brotar um sentimento de uma nova e maior vitalidade. A vitalidade, a que se refere, provoca vibrações nas palavras que me escapam, faz ressonância com o desejo de *ser juntos*³ a fim de expandir os modos de ser. E as vivências amorosas, a que me referi, tornam-se marcas vivas que se atualizam nas tentativas de inventar um jeito alegre de *ser juntos*. Tem em si a potência de experiências. Pois se referem a modos de ser receptivos e a corporificação do que acontece no encontro pelas pessoas envolvidas no mesmo. E aqui já falo de *ser juntos*, não para constituir um *nós*, pois correríamos o risco de construir uma unidade, uma entidade completa e absoluta. *Ser juntos* para viver as forças intensivas presentes no encontro⁴ e nas experiências compartilhadas.

¹ A noção de desejo aqui não diz respeito à falta ou a procura de alguma coisa. Juntamente com os autores citados no texto, entendo o desejo como um processo agenciado ao mesmo tempo em que o desejo se agencia, onde não há sujeitos ou unidades pré-formadas. O mais importante são os múltiplos arranjos feitos pelo desejo.

² Coimbra de Matos comenta sobre a construção de um “nós” a partir de relações recíprocas. O “nós” é maior que a soma das partes e, portanto, na visão do autor, não parece constituir uma nova entidade absoluta. Além do mais, no decorrer do seu texto tece uma crítica a idéia de dogma e chama a atenção para a importância do pensamento divergente e de pensar livremente – fontes da criatividade.

³ No presente ensaio não é utilizada a expressão “serem/sermos” juntos porque essa pode remeter à ideia de formar um corpo único, uma unidade no amor. E o que cada um experimenta no encontro é sempre diferente do outro, nunca é equivalente, nem complementar.

⁴ É relevante dizer que o uso da palavra “encontro” no decorrer do texto está diretamente relacionado à noção de afecção, conforme a leitura deleuziana do pensamento espinosista. Espinosa propôs instituir o corpo como modelo, o que não significa a instauração de uma superioridade do corpo sobre a alma. Na Ética de Espinosa o que é ação na alma é ação no corpo, o que é paixão no corpo é paixão na alma. Assim, tomar o corpo como modelo não é a desvalorização do pensamento, mas a desvalorização da consciência em relação ao pensamento. Já que a consciência é um lugar de ilusão, pois só sofre os efeitos das coisas, não experimenta, nem corporifica as diferentes relações que compõem e se decompõem no encontro entre os corpos. Nesse sentido, a afecção corresponde à capacidade de um corpo afetar e ser afetado: são as diversas maneiras como partes de um corpo, ou mesmo um corpo inteiro, é afetado. Encontro, como afecção, diz das diferentes variações intensivas produzidas no cruzamento entre corpos de natureza diferente. É um infinito ressoar de intensidades. Dependendo do modo como se experimenta os encontros se caracteriza um jeito alegre ou um jeito triste. Pois, a vida de cada um está relacionada a essa potência capaz de fazer variar infinitamente. Se ficarmos a mercê das forças em jogo, apenas sofrendo os efeitos do vivido, temos inevitavelmente uma vida triste. Se formos capazes de captar a potência e exprimir essa em expressões singulares (na linguagem espinosista: conhecer as essências, o grau de potência), aumentamos a nossa capacidade de experimentar bons encontros.

Existem, ainda, outros dias em que do amor não consigo dizer nada, porque parece que tudo já foi dito. Essa sensação me toma, por exemplo, ao reler *O Banquete de Platão* (1997). Seu discurso pronto e acabado constrange-me. Ali as palavras e os seus possíveis sentidos não são capazes de ativar o vivido e nem escapam aos sistemas aprisionantes. O amor é aplacado e cala-se. E aqui é necessário explicar o que quero dizer, e uma das formas de fazer isso é transportando para cá dois dos discursos sobre o amor presentes no referido banquete. Extraio esses discursos de um trabalho que desenvolvi anteriormente (CHILLEMI, 2003), fazendo poucas adaptações para o presente ensaio. Faço isso na tentativa de dar algum lugar para as inquietações amorosas que continuam assolando os que se alegram em ser juntos.

Uma narrativa do amor do século IV a.C. nos leva até a cena de um banquete, no qual um poeta, Agatão, comemorava a sua vitória num concurso de tragédias. Nesse jantar comemorativo eles resolveram instituir um concurso de oratórias, em que cada um faria um discurso sobre o amor e quem fizesse o mais belo venceria o concurso.

Ao todo foram sete discursos. Quem os relata foi Apolodoro, que os ouviu de Fênix, que, por sua vez, ouviu de Aristodemo, um dos presentes no banquete. Passeando por dois desses discursos, o de Aristófanes e o de Sócrates, encontramos o amor como carência e como tentativa de dar conta da falta que nos constitui.

Aristófanes conta que no início havia três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino. Cada indivíduo era constituído por uma espécie de duplo: o masculino por duas partes masculinas, o feminino por duas femininas e o andrógino por uma parte masculina e outra feminina. Esses indivíduos tinham o dorso redondo, quatro orelhas, quatro mãos, quatro pernas, dois sexos, dois rostos sobre um pescoço torneado, mas a cabeça era uma só. Eram grandes, fortes e de andar ereto. Mas, quando se lançavam a correr, locomoviam-se em círculo, apoando-se nos seus oito membros, com muita rapidez. Esses indivíduos movimentavam-se facilmente como uma roda e tinham uma força e um vigor terríveis e eram extremamente presunçosos.

Um dia, eles se revoltaram contra os deuses e resolveram fazer uma escalada até o céu. Zeus e os demais deuses começaram a refletir sobre o que deveriam fazer com esses indivíduos. E Zeus, resolveu cortar cada um em dois. Com isso, eles andariam eretos, se tornariam mais fracos, mais numerosos e seriam mais úteis aos deuses. E, caso continuassem arrogantes, os cortaria novamente e eles andariam sobre uma perna só, saltitando.

Conforme Zeus cortava os indivíduos, ordenava a Apolo que lhes virasse o rosto para o lado do corte, de maneira que fossem obrigados a contemplar

para sempre a sua mutilação e, assim, lembrariam que deveriam ser mais moderados.

Desde, então, discursa Aristófanes, a nossa natureza anseia por sua metade. Contudo, os indivíduos começaram a morrer de fome e de inércia, pois nada queriam fazer um longe do outro. “É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurados da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana.” (PLATÃO, 1997, p.129) O desejo de unir-se e confundir-se com o amado é, portanto, o desejo a que se dá o nome de amor.

Zeus, por compaixão e vendo que essa espécie acabaria, muda o sexo deles para frente, com o propósito de facilitar a reprodução entre eles, pois até então era virado para fora.

A oratória de Aristófanes gira, ainda, em torno de outros elementos, mas interessa pontuar que o amor se instaura a partir de um corte e funda-se na impossibilidade de restaurar essa completude originária. O amor consiste, assim, na tentativa de recuperar uma unidade perdida.

Já a oratória de Sócrates sobre o amor, o qual tinha como discípulo Platão, consistiu numa espécie de diálogo. Através de perguntas que teciam um movimento, no qual seu interlocutor, no caso Agatão, precisava definir o que falava, Sócrates foi mostrando como este entrava em contradição com o que ele mesmo estava dizendo. Assim, por exemplo, Sócrates pergunta: - O amor é amor de nada ou amor de algo? - De algo, responde Agatão. - E é quando tem isso mesmo que deseja e ama que ele então deseja e ama, ou quando não tem? - pergunta, ainda, Sócrates. - Quando não tem, responde Agatão.

E, prossegue Sócrates perguntando se, mesmo quando temos saúde, por exemplo, não desejamos no futuro continuar tendo: - Não é isso então amar o que ainda não está à mão nem se tem, o querer que, para o futuro, seja isso que se tem conservado? Agatão concordou.

Assim, Sócrates segue seu discurso onde o amor é amor de alguma coisa que o indivíduo não possui. Só se deseja, então, algo do qual se é carente. Mas é possível desejar e preservar o que já se tem. Nesse sentido, amar também é querer no futuro o que já se tem agora.

O amor é por natureza carente e só um outro pode vir a suprir essa carência. Todavia, esta não pode ser preenchida, pois, mesmo quando o indivíduo tem o que ele quer, ele não tem o futuro. O amor é, também, assim, o desejo do futuro do outro. O indivíduo permanece tentando preencher algo que lhe falta e se depara com essa impossibilidade.

Segundo Aristodemo, Sócrates contou que uma mulher, Diotima, conhecida

do amor, lhe disse que na festa do nascimento de Afrodite, estava um deus chamado Recurso (filho de Prudência), o qual depois do jantar, embriagado, adormeceu no jardim de Zeus. Pobreza, uma mendiga, que veio pedir esmola no jardim, em sua falta de recurso, faz um filho com Recurso e concebem o Amor. O filho de Recurso com Pobreza foi chamado de Eros. O amor, então, busca sempre algo do qual ele carece, como a Pobreza, pois ele não é um deus. Mas, ele também não é mortal, já que é filho de um deus.

Um deus e um homem não se misturam, mas é por intermédio do amor que se faz o convívio e o diálogo dos deuses com os homens, diz Diotima para Sócrates. E o discurso de Sócrates seguiu, ainda, por muitos detalhes.

Apolodoro relatou o que ouviu de Fênix que ouviu de Aristodemo, que estava no banquete, garante uma espécie de *disse me disse* que diz o que é o amor. E, desse modo, o amor torna-se uma substância organizada e coerente, com uma origem definida, um percurso e um fim conhecidos. Estabelece-se um pensamento absoluto sobre o que é o amor. Num tom que ensina e explica, o amor passa a ter uma narrativa, um roteiro, uma estrutura onde é definido como falta, incompletude e eterna impossibilidade de se realizar tal como foi originalmente, em outras palavras, perfeito.

Discursos do século IV a.C. concebem a falta como constitutiva da condição humana. O homem por natureza é fraco, impotente e incompleto. E o amor, uma possibilidade de recuperar a unidade perdida, é uma aspiração à imortalidade impossível. O desejo concebido como carência, embora não seja a única forma de definir o amor, faz com que perguntemos o quanto dessa concepção muitas teorias modernas sobre o desejo ainda conservam⁵. (PELBART, 1997) E cabe perguntar também o quanto as experiências amorosas cedem espaço, sendo inclusive desqualificadas, em detrimento da constante atualização dessa marca na qual o amor é vivido como impossibilidade.

Tudo, então, parece já ter sido dito sobre o amor. Sinto-me incomodada. Pois as marcas de amor que até um momento atrás me faziam ziguezaguear em palavras não encontram ressonância nesse roteiro discursivo. Será que já não posso mais

⁵ Peter Pál Pelbart expôs que Zeus introduziu uma espécie de “fraqueza política” no homem. Articulando com a idéia de Michel Foucault de que o poder nos quer fracos, comenta que, embora a matriz platônica do amor não seja a única forma de concebê-lo, ela marca a nossa história a ponto de algumas teorias se manterem ligadas a elas quando concebem a falta como constitutiva do psiquismo. Trata-se de uma promessa religiosa, onde o divino do objeto amado compensa a condição humana. Dessa forma, se hoje não acreditamos na possibilidade de que uma matriz venha nos salvar, fazemos da resignação a esta carência uma nova religiosidade: não é só anseio por completude, mas, também, a incorporação da resignação sobre esta impossibilidade. O desejo deixa de ser uma carência a ser suprida e passa a ser uma falta interiorizada e assumida.

falar em amor? Estranho como, dependendo das parcerias que temos por perto, se pode ver o mundo como pronto e até apagado. Para o meu deleite, neste momento, ouço um CD que recém ganhei de uma amiga e está tocando *Tempo de Amor*, uma canção de Vinicius de Moraes e Baden Powell, que termina assim: “Ah, que não seja meu / O mundo onde o amor morreu”. Instantaneamente sou transportada pela lembrança da mesma amiga, aqui em casa, tentando localizar em O homem que morreu, do Lawrence (1990), uma passagem do encontro do homem que morreu com o sol. Volto a reler o texto e sou levada pelo homem que morreu até uma passagem que jamais esqueci e que, embora não fale diretamente do sol, dá expressão à chama de vida: “Pela primeira vez, ela sentia-se atingida no âmago pela aparência de um homem, como se a ponta de uma fina chama de vida a houvesse tocado”. (p.155) E assim as microsensações e percepções que marcam o meu corpo são atualizadas e transformam-se através da invisibilidade indizível da ponta de uma fina chama de vida. E num súbito lampejo, em que me sinto vulnerável ao calor dessa chama, já volto a sentir os afectos em mim. As conexões com o mundo, que haviam se apagado com a leitura da matriz platônica do amor, retornam. São afectos que aumentam a potência de agir⁶. (ESPINOSA, 1992; DELEUZE, 2002, [s/d]).

Lá, no Banquete, vi um amor morto. Um amor que acende esperanças que não se cumprem. Aqui, com Vinicius e Baden Powell, Coimbra de Matos, Espinosa e Deleuze, Peter Pál Pelbart, Lawrence e a minha amiga, o vivido tem um lugar no mundo. Não é um lugar feito de expectativas e de esperança, mas uma região onde é possível acessar, sentir e reconhecer a experiência amorosa conforme ela mesma acontece. Não estou dizendo que não vivenciamos o amor de acordo com o modelo platônico de sentimento. Muito já se falou sobre como a sensação de fracasso no amor faz com que nos culpabilizemos e/ou culpemos o outro e o quanto, a cada nova tentativa amorosa frustrada, descremos no amor. (FREIRE, 1999; CHILLEMI, 2003) Inclusive, podemos dizer que o sentimento de culpa hoje já cede o seu lugar para o de insucesso⁷. (MATOS, 2010) Nesse último caso, falo de modos de ser que vivem os encontros amorosos como uma espécie de atletismo sem limite, como se a vida estivesse no próprio ativismo: não pega, nem se deixa pegar. Seja se culpando e deprimindo, ou mesmo precisando encobrir o insucesso com um espetáculo a seu próprio favor, ambos os casos fecham os olhos e mantêm

⁶ Ver nota n.º 4.

⁷ Coimbra de Matos comenta que até bem pouco tempo (anos 60) se distinguiam as culturas da culpa (ocidentais) das culturas da vergonha (ex.: a cultura japonesa). Enquanto que agora vigora a cultura do espetáculo e do sucesso, onde as pessoas não se deprimem por culpa, mas por insucesso.

o mesmo ritmo independentemente do que está acontecendo. Vive-se uma espécie de anestesiamento das sensações do mundo e do encontro, um imenso medo de se desterritorializar, de perder aquilo que é conhecido e considerado natural. Enfim, parecem modos de ser rígidos e surdos, impossibilitados de encarar a vida com um olhar nu, de mergulhar no invisível mar de forças que compõem o encontro amoroso. Pergunto-me se a referência não é a mesma para esses modos aparentemente diversos de ser. Pois, no universo platônico do amor - que já nasce fadado ao fracasso e onde apenas vivenciam-se ilusões e esperanças por certo período de tempo - parece não haver espaço para a experimentação amorosa. Essa é sempre redirecionada para uma trilha, cujo arranjo é fabricado, quase que unicamente, de ilusões e desilusões.

Além do mais, transforma o amor num problema individual, intrínseco à constituição do sujeito. Não favorecendo o encontro, incrementa-se a veia solitária. Como amar se a interioridade revela-se como um mundo escuro, uma clausura recheada de esperança - só o amor idealizado poderia salvar uma alma inquieta? Como amar se o que importa é sair vitorioso do encontro com o outro? O modelo platônico de amor, com sua ênfase numa falta original, parece produzir, entre tantos efeitos, um modo solitário de ser, instaurando o impedimento e um grande fosso entre as pessoas.

A partir dessa abordagem podemos pensar que a solidão - inerente a todos nós por sermos irremediavelmente diferentes uns dos outros -, e o amor - como potência inventiva de jeitos de ser -, são então tragados por esse ideal inalcançável. Não são só diferenças empíricas - diferenças de sexo, idade, classe social, etc. Além das diferenças individuais, todo o encontro, inclusive o amoroso, é um tempo privilegiado em que surgem e ressoam constantemente diferenças entre os modos de ser de cada um. Os modos de sentir, ver, pensar, amar, aparecem com toda a sua força e singularidade. Não se importar com as vibrações intensivas do encontro, algumas visíveis outras invisíveis, produz certos efeitos. Um deles parece ser negar o melhor do encontro amoroso: a capacidade que tem de nos lembrar, a todo o momento, que estamos vivos e que somos capazes de diferir constantemente de nós mesmos, que podemos inventar juntos a partir do que sentimos, algo que só pode se dar no encontro com um outro inevitavelmente diferente de nós. Até quando vamos alimentar a crença de que as diferenças sentidas no encontro são contrárias ao amor?

Negar esse efeito - que as vibrações sentidas traduzem sensações que escapam infinitamente do que pensamos que deve ser o amor - pode ser um dos mecanismos que constituem e produzem o tecido social subjetivo narcísico do nosso tempo. A teatralidade platônica do amor - uma espécie de corporificação de personagens

representantes do amor já consagrados - ao mesmo tempo em que se desintegra, coloca em primeiro plano o individualismo através dos sintomas de um ser solitário. O solitário referido aqui não diz respeito a estar ou não com alguém, mas a sensação melancólica e ressentida, inclusive, muitas vezes, acobertada pela imagem conjugal. É um confinamento em si mesmo, impeditivo da aliança com o outro que ajudaria, inclusive, a sustentar a solidão intrínseca ao humano.

Será, então, que aquilo que nos é apresentado como impossível pela matriz platônica é mesmo do amor? Acredito que essa marca da impossibilidade não é do amor, mas do modelo ao qual recorremos para entender e reproduzir as nossas vivências. Como abrir a própria noção de amor de maneira a caber nela as nossas experiências amorosas, aquilo que sentimos e vivenciamos e, com frequência, são designados como erros, desastres e fracassos? Talvez seja do amor, originalmente, outra coisa. O amor pode nos dar outras coisas. O amor não é aquele que nos convoca a sair de nós mesmos? E novamente ouço uma música. É *Berimbau* de Baden Powell e Vinicius de Moraes: “quem de dentro de si não sai, vai morrer sem amar ninguém”. O amor não nos convida a aproximarmo-nos do desconhecido, daquilo que, inclusive, muitas vezes aparece como ameaçador a nossa forma de conceber a nós mesmos e o próprio amor? Não nos assustamos com a nossa própria imagem refletida no espelho, quando o outro, suposto que deveria ser um espelho, não devolve o que esperamos? Quantas vezes vemos a nossa própria imagem ruir, o nosso modo se ser estremecer todo, quando esperamos que o outro nos reconduza a um lugar conhecido e isso não acontece? A noção de que no amor o outro é um espelho que reflete a nossa imagem idealizada, originalmente perfeita, não é do próprio platonismo? Talvez seja do amor não nos reconduzir a sensação de que o amor perfeito seja impossível, mas nos abrir mundos, trazer outras e novas sensações e percepções, uma espécie de afirmação de que a vida é viva e não o roteiro de um filme escrito *a priori*. Afinal, realmente importa o amor perfeito, a plenitude eterna? É isso mesmo que buscamos? Não será essa uma ideia caduca, um lugar que já sucumbiu, e que estamos assistindo a sua reiterada repetição apenas em filmes melosos e em mídias conservadoras? Já não estamos no tempo de dançar sobre os destroços dessa ruína e fazer alianças com o que os encontros nos oferecem de melhor?

Sinto algo extremamente intenso quando o encontro amoroso pode incluir o vivo e suas vicissitudes. É mais que incluir sentimentos - tristeza, alegria, melancolia, raiva, ternura, compaixão, etc. É, por um lado, a possibilidade de incorporar e corporificar a fragilidade, o precário, a força, a vulnerabilidade, o transitório, o inconstante - o que é diferente de pressupor o humano com uma falha original. E, embora isso, inicialmente, possa trazer uma imagem

representativa de um grande risco, uma vez que se vive o que ainda não se sabe como acontecerá, é justamente isso o que acontece no amor. Qual é o maior risco: viver de acordo com um roteiro que não inclui o que vivemos, onde forçosamente tentamos fazer caber nele o que sentimos, ou viver o encontro tal como acontece? Em outras palavras, o que fazer com o nosso modo de escutar, ver e sentir? Há no encontro amoroso, por outro lado, pois, a possibilidade de viver o que acontece. Talvez seja do amor privilegiar, não o indivíduo, cada um de nós separadamente, mas o próprio encontro. É somente no encontro que temos a possibilidade de algo além da projeção narcísica e de autoimagens consumíveis e descartáveis. Aí existem as sementes que assinalam a presença de uma variedade infinita de sensações, nos fazendo ver além do nosso próprio reflexo no espelho e das reflexões centradas em nós mesmos. Eleger o encontro para se aproximar do sentimento de amor implica em se afastar da ideia de que o amor é uma entidade (*como se fosse algo fora e independente de nós*), algo dado e pronto (*como se fosse uma questão de conquista*) e um sentimento unicamente interno (*como se estivesse ligado unicamente a nossa interioridade*). Sustentar que o amor é algo que não pertence nem a um, nem a outro, e sim um sentimento produzido no encontro entre as pessoas envolvidas é afirmar que o amor se dá na materialidade do encontro, produzido na experiência. Uma experiência que não se refere à experiência adquirida, mas a uma atitude que faz do encontro uma experiência ativa. Um jeito de estar juntos que exige um grau de abertura para perceber os sons, os gestos, as palavras, os silêncios, os olhares, modos de expressão que estão além das ideias e das opiniões. Um jeito de estar juntos que pode levar ou não a experimentação de *ser juntos*. Pois, se temos presente que o encontro abre mundos, que cada encontro pode nos levar a sentir sensações totalmente diferentes, a perceber aquilo que jamais havíamos sequer notado, assim como cada encontro é diferente um do outro - um encontro jamais se repete, não existe garantia nenhuma que tanto nós como o outro queira retornar e experimentar *ser juntos* da mesma maneira. Num momento podemos querer caminhar no parque, em outro tomar café, em outro ficamos em silêncio. As possibilidades de encontro são inúmeras. Há de considerar, ainda, que estamos a todo o momento tendo uma infinidade de outros encontros, os quais não dizem só respeito a um outro amado: uma poesia lida, a vivência de uma situação inconveniente no trânsito, uma conversa com um amigo, situações de trabalho, são todos encontros que produzem outras sensações, abrem ou não para novos mundos. A questão, a saber, é se os encontros favorecem a expansão do nosso modo de ser ou, ao contrário, destrói partes de nós⁸.

⁸ Ver nota nº. 4.

Cabe ainda dizer que a abertura para se deixar afetar, sentir, perceber o encontro é uma dimensão do encontro, mas a modalidade amorosa também oferece a possibilidade de corporificarmos o vivido. Há que se permitir não só ser tocado pelas sensações do acontecimento entre dois, mas deixá-las se assentarem em nosso próprio jeito de ser, instaurar outras marcas, passar a fazer parte de nós, independente de estarmos ou não junto com o outro. Quando é necessário exercitar constantemente a mais fina e delicada percepção, é preciso escolher as palavras. Aprender a apurar e ser o mais preciso possível quanto às sensações. Chegaremos a um ideal, conquistaremos o amor e seremos plenamente felizes? É claro que não. Mas quem sabe deixemos de comparar as nossas vivências amorosas com as promessas idealizadas e caducas que concebem o amor a partir de um ser imperfeito, marcado por uma falta original. Talvez começemos a nos oportunizar acolher, corporificar, aconchegar e atualizar as nossas experiências amorosas conforme as vivenciamos. Suponho que honrando o vivido, o acontecimento amoroso deixe de ser visto como uma réplica pobre da imagem romântica dos finais de muitos filmes e das novelas televisivas. E, assim, a necessidade absurda de ser amado, produzida por uma sociedade extremamente narcísica, possa dar lugar às grandes e pequenas alegrias que os bons encontros favorecem. “A minha vontade abjeta de ser amado, substituirei uma potência de amar: não uma vontade absurda de amar qualquer um, qualquer coisa [...]. Fazer um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo, o contrário de fazer um drama, ou uma história. Amar os que são assim: quando entram em um lugar, não são pessoas, caracteres ou sujeitos, é uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma bruma, ou névoa.” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 80)

E eis que as palavras voltam a dançar ziguezagueando. Já podemos desconhecer o traçado dos passos conhecidos que levam ao amor e experimentar sentir. Só a alegria pode nos levar a desejar...

REFERÊNCIAS

BADEN POWEL. Berimbau. Baden Powell e Vinicius de Moraes [Compositores] In: VINICIUS: Poesia e Canção. Ao Vivo. Universal/Mercury. 1966. 1 CD. v. 1, Faixa 4.

BADEN POWELL; VINICIUS DE MORAES. (Comp.) Tempo de amor. In: SEU JORGE e Nação Zumbi. Now Again. 2010. 1 CD. Faixa 6.

CHILLEMI, Margaret Maria. *Tirando a poeira da palavra amor: experimentações no cinema e na clínica*. 2003. 193 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

- COSTA, J. Freire. **Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 221 p.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 179 p.
- DELEUZE, Gilles. **Espinoza e os signos**. Trad. Abílio Ferreira. Porto: Rés, [s/d]. 204 p.
- _____. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002. 144 p.
- ESPINOSA, Bento de. **Ética**. Trad.: Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e António Simões. Lisboa: Relógio D Água, 1992. 501 p.
- LAWRENCE, D. H. **O Homem que morreu**. In: **APOCALIPSE** seguido de **o homem que morreu**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 174 p.
- MATOS, COIMBRA DE. **Palestra No Reino do maravilhoso: douro e amor**. In: **SEMINÁRIO o amor em tempos de inverno**. Portugal: Peso da Régua, 22-24 de out., 2010. 14 p.
- PELBART, Peter Pál Pelbart. **Minicurso sobre O Desejo**. In: **JORNADA DE PSICOLOGIA DA UFSM**; 1, um balanço da psicologia na virada do século. Santa Maria, RS, nov. 1997.
- PLATÃO. **O banquete; ou, do Amor**. Trad. J. Cavalcante de Souza. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 201 p.